**SUJEITO: SUJEITO\_10**

**CURSO: LETRAS**

**SEXO: MULHER**

**ANO: PRIMEIRO**

**CIDADE: LONDRINA**

**Entrevistadora:** Você está fazendo letras e tá no primeiro ano, né?

**Entrevistado:** Isso.

**Entrevistadora:** E o que você está achando do curso?

**Entrevistado:** Olha, eu tô gosta[n∅dʊ] mais do que eu imaginei que eu ia gosta[ɾ(v)]. Eu não fui muito pela literatura, né? Eu me interessei po[ɾ(n)]… pelo cu[ɾ(n)]so, po[ɾ(n)] causa da… do que eu gostava [dʒɪ] escreve[ɾ(v)]. Eu queria [dʒɪ]senvolve[ɾ(v)] isso, mas depois eu passei a me interessa[ɾ(v)] mais pela questão da[s] opo[ɾ(n)]tunida[dʒɪ][s] que a unive[ɾ(n)]sida[dʒɪ] oferece no cu[ɾ(n)]so, né?

**Entrevistadora:** Sim.

**Entrevistado:** E eu gosto muito de pensa[ɾ(v)] a música como linguagem musical. Sabe? Não como a linguagem, então, [tʃɪ]nha vonta[dʒɪ] [dʒɪ] entende[ɾ(v)] melho[ɾ(n)] a estrutura da língua pra aplica[ɾ(v)] na música.

**Entrevistadora:** Legal. E quais são as suas expectativas em relação ao curso? Assim, você que está começando agora e tudo mais.

**Entrevistado:** Bom, eu espero aprende[ɾ(v)] um pouquinho [dʒɪ] tudo que envolva a língua, né? A língua po[ɾ(n)]tuguesa, então… ah… eu espero que sejam.. pelo que eu sen[tʃɪ] agora, eu também, eu imagino que em relação à… à[s] pessoa[s], que a gen[tʃɪ] tenha uma boa interação, po[ɾ(n)]que o[s] professore[s] parecem muito… muito querido[s] assim, muito gen[tʃɪ] boa, e eu também espero assim que aprofun[dʒɪ] mais no… nesse[s] assunto[s] de como a língua em si funciona, o que eu acho muito interessan[tʃɪ], sabe? Po[ɾ(n)]que nesse primeiro semestre foi bem po[ɾ(n)] cima, não foi muito… mas, né? Primeiro semestre.

**Entrevistadora:** Justo. E por que que cê escolheu o curso de Letras?

**Entrevistado:** Então, eu queria faze[ɾ(v)] física em dois mil e [dʒɪ]zenove. Aí… eh… veio a pandemia e eu parei de estuda[ɾ(v)] assim do jeito que eu estudava, e comecei a escreve[ɾ(v)] muito. E peguei muito gosto pela escrita. Aí eu pensei, ah, se eu não fizesse letras, né? Aí pensei em cursa[ɾ(v)] em outro[s] lugare[s], tudo. E em dois mil e vinte e um eu fiquei bem em dúvida. Fiquei em dúvida entre letras e geografia. Aí… Mas eu estava há tanto tempo pensa[n∅dʊ] em letras que eu achei mais seguro i[ɾ(v)] pra letras mesmo. Falei assim, ah, aí foi pela escrita, pelas… também pela opo[ɾ(n)]tunida[dʒɪ] [dʒɪ] me[ɾ(n)]cado [dʒɪ] trabalho, me falaram que procuram bastan[tʃɪ] professo[ɾ(n)] [dʒɪ] português, então [tʃɪ]nha um plano B, e po[ɾ(n)] te[ɾ(v)] até o doutorado na UEL, o que também seria um plano B ali, sabe?

**Entrevistadora:** Sim.

**Entrevistado:** E acabei, eu também tô cu[ɾ(v)]sa[n∅dʊ] pedagogia na Unopa[ɾ(n)], tô faze[n∅dʊ] duas.

**Entrevistadora:** Ah! Ao mesmo tempo.

**Entrevistado:** Aí, então são duas assim que eu acho que se complementam e que estão no meu interesse.

**Entrevistadora:** Legal. E te perguntar, quanto tempo você mora aqui em Londrina?

**Entrevistado:** Eu des[dʒɪ] sempre.

**Entrevistadora:** Você nasceu aqui? Seus pais também nasceram aqui?

**Entrevistado:** Não. O meu pai ele nasceu em Miraselva. É uma cida[dʒɪ] próxima aqui. Ele veio pra faculda[dʒɪ]. Minha mãe num [dʒɪ]strito de Apucarana e também veio pra cu[ɾ(v)]sa[ɾ(v)] a faculda[dʒɪ].

**Entrevistadora:** E você gosta de morar em Londrina?

**Entrevistado:** Ah, eu gosto, gosto sim.

**Entrevistadora:** Você já morou em alguma outra cidade fora de Londrina? É fora Londrina ou morou aqui a vida inteira?

**Entrevistado:** Não. Só visitei, nunca cheguei a mora[ɾ(v)] não.

**Entrevistadora:** Ah, você costuma viajar, viajar então.

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistadora:** É pra onde geralmente você costuma viajar?

**Entrevistado:** Bom, an[tʃɪ]s da pandemia a gen[tʃɪ] viajava mais, né? Mas meu[s] pai[s] eles gostam muito [dʒɪ] viaja[ɾ(v)] então a gen[tʃɪ] já foi pra Goiânia foi lá pro nor[tʃɪ], também pro Pará, a gen[tʃɪ] vai mais pra Florianópolis, praia, assim, né? Mais pro sul é… mas como a gen[tʃɪ] faz, meu[s] pai[s] são músico[s], a gen[tʃɪ] aqui tudo é músico e a gen[tʃɪ] faz cu[ɾ(n)]so [dʒɪ] música, né? Em vário[s] lugare[s] e então a gen[tʃɪ] já fez cu[ɾ(n)]so no Rio Grande do Sul, São Paulo, São Paulo a gen[tʃɪ] vai até com uma frequência gran[dʒɪ], desse [dʒɪ] Goiânia foi um cu[ɾ(n)]so também, a gen[tʃɪ] foi pra Itália uma vez faze[ɾ(v)] um cu[ɾ(n)]so lá, a gen[tʃɪ] não vai mais por questões financeira[s], porém a gen[tʃɪ] tem vonta[dʒɪ] [dʒɪ] volta[ɾ(v)], sabe? Mas assim, também a maioria são a trabalho, nem tanto po[ɾ(n)] faze[ɾ(v)].

**Entrevistadora:** E hoje pensando assim nos seus sonhos, nos seus desejos pro futuro. Tem alguma outra cidade que você tem pretensão de morar ou você tem um plano de permanecer em Londrina?

**Entrevistado:** Ah, aqui no Brasil… eu nunca pensei, assim, [tʃɪ]po, talvez passa[ɾ(v)] um tempo em São Paulo pra faze[ɾ(v)] algum cu[ɾ(n)]so. Mas passa[ɾ(v)] um tempo, não mora[ɾ(v)] po[ɾ(n)] muito tempo, sabe? E não é uma cida[dʒɪ] assim que eu me vejo mora[n∅dʊ] muito. Agora eu tenho muita vonta[dʒɪ] [dʒɪ] mora[ɾ(v)] um bom tempo fora. Mas aí fora do Brasil mesmo, assim, pra estuda[ɾ(v)], principalmen[tʃɪ], que lá tem muita opo[ɾ(n)]tunida[dʒɪ]. E acho que é isso. Eu não sei não conheço muito a cida[dʒɪ] assim pra fala[ɾ(v)]: ah, moraria aqui.

**Entrevistadora:** Entendi. E além da faculdade você tem alguma outra ocupação tipo trabalho, estágio dentro ou fora da área?

**Entrevistado:** Eu sou professora [dʒɪ] piano. Aula[s] in[dʒɪ]viduai[s] e também eu trabalho com música pra bebês, [dʒɪ] zero a três anos.

**Entrevistadora:** Ai que interessante, interessante. E você falou um pouco, né? Do porque você escolheu o curso de letras e tudo mais, seus pais te influenciaram nessa decisão ou foi mais uma escolha sua mesmo?

**Entrevistado:** Acho que sim, influenciaram, mas sem quere[ɾ(v)], sabe? Não foi, assim, proposital, eles sempre me deixaram escolhe[ɾ(v)] o que eu quisesse, sempre tem deixado bem livre, mas como eles são professores, né, meio que isso influenciou bastan[tʃɪ], né, pra escolhe[ɾ(v)] uma licenciatura e quando eu era pequena minha mãe ela… eu ia com a minha mãe no[s] colégio[s] e eu [tʃɪ]nha que fica[ɾ(v)] quieta, aí ela me dava a[tʃɪ]vidade [dʒɪ] inte[ɾ(n)]pretação [dʒɪ] texto. Pra eu fica[ɾ(v)] faze[n∅dʊ] po[ɾ(n)]que ela pegava no Google. E eu acho que isso foi uma coisa, assim, que influenciou muito assim, né? Pelo interesse na leitura, essa[s] coisa[s]. Então acho que sem quere[ɾ(v)] eles influenciaram, sabe?

**Entrevistadora:** Entendi. Então qual é a profissão dos seus pais? E seus dois são professores? **Entrevistado:** É, são professores. O meu pai ele é professo[ɾ(n)] [dʒɪ] acordeon e músico, também se apresenta tudo e a minha mãe era professora [dʒɪ] flauta doce.

**Entrevistadora:** Flauta doce, legal. E falando um pouquinho do curso, queria te perguntar, você já passou dentro do curso, né? Por mais que seja no primeiro ano ainda, está começando. Você já passou por alguma situação meio desconfortável, tipo, meio que te marcou negativamente no curso, seja com interação com os colegas, seja com interação com os professores, enfim, alguma coisa que sim não foi muito legal.

**Entrevistado:** Você fala mais em relação ao cu[ɾ(n)]so [dʒɪ] letras, assim, ou, tipo, [dʒɪ] esta[ɾ(v)] lá na UEL, do ambien[tʃɪ], assim?

**Entrevistadora:** Podem ser as duas coisas, tanto do curso em si quanto do ambiente da universidade.

**Entrevistado:** Ah! Do cu[ɾ(n)]so, nada [dʒɪ]mais assim, foi aquela coisa assim [dʒɪ] um professo[ɾ(n)] que não, não explica tão bem, sabe, que você fica meio pe[ɾ(n)][dʒɪ]do, mas nada assim que, nossa, me abalou, que eu fiquei cha[tʃɪ]ada assim, só não, não bateu muito com a minha expecta[tʃɪ]va. Agora teve uma situação [dʒɪ]sconfo[ɾ(n)]tável que tem um cara lá no CCH que eu até conve[ɾ(v)]sei com a[s] outra[s] menina[s] que ele meio que fica segui[n∅dʊ]. Pega uma menina e fica segui[n∅dʊ], sabe? E ele ficou me pe[ɾ(v)]segui[n∅dʊ] po[ɾ(n)] uns meses assim, bem no começo. Aí isso foi uma situação [dʒɪ]sconfo[ɾ(n)]tável assim, mas todo luga[ɾ(v)] tem um cara esquisito. Mas é mais isso.

**Entrevistadora:** E mas vocês conseguiram resolver a situação? Vocês comunicaram alguém do colegiado? Enfim, alguma coisa assim?

**Entrevistado:** Então, ele nunca fez, assim, nada muito explícito, ele… era… vinha conve[ɾ(v)]sa[ɾ(v)] comigo quando eu estava sozinha, quando eu estava com alguém, não, ele já me esperou sai[ɾ(v)] do banheiro quando via que eu entrava, sabe? Uma[s] coisa[s] assim, só que como, assim, nunca chegou a… nunca foi [dʒɪ]reto, assim, uma coisa, assim, é só aquela coisa, assim, ó, tem que fica[ɾ(v)] espe[ɾ(n)]to e eu nem sabia o nome dele, nem sei o nome dele. Como ele parou agora, eu não falei nada ainda, mas caso aconteça eu provavelmen[tʃɪ] comunicaria sim.

**Entrevistadora:** Entendi, nossa meio chato mesmo essa situação. Eu até imagino quem seja. Você começou a falar, eu falei, ah, não, mas de novo, né? Assim, mas, mas é complicado, esse. E agora um completo oposto, uma situação feliz, algo que te marcou positivamente.

**Entrevistado:** Ah, eu me sen[tʃɪ] muito acolhida, sabe? Quando eu quando estava pra entra[ɾ(v)], eu até namorava na época, e tanto eu quanto ele estava com muito medo da gen[tʃɪ] se[ɾ(v)] muito rejeitado, sabe? Do povo se[ɾ(v)] grosso, do povo, não sei, a gente não é muito social, mas o pessoal foi muito recep[tʃɪ]vo, tanto o pessoal da minha tu[ɾ(n)]ma. Assim, é uma tu[ɾ(n)]ma muito unida, sabe? Que eu conve[ɾ(v)]so bastan[tʃɪ], que se ajuda muito. E o[s] professore[s] também, a maioria, assim, é muito, atenciosa, muito calorosa, né? Muito humana, assim. Então, é um centro, assim, muito gostoso. Sim, são pouca[s] exceções, né? De pessoas, assim, que não são legais. Mas a maioria é muito querida.

**Entrevistadora:** Ah sim. Perfeito. Agora a gente vai pra uma segunda parte da nossa conversa, que a gente sabe que a Universidade de Londrina traz gente de tudo que é lugar do Brasil, né? Às vezes essas pessoas dão um nome diferente pra mesma coisa, né? Então mexerica, tangerina, esse tipo de coisa, né? E eu queria ver um pouco sobre isso. Eu vou te dar uma descrição de um objeto, de uma ação, enfim, de alguma coisa. E você me fala o nome dessa coisa, pode ser? Tipo, vai ser coisa bem do cotidiano, assim, coisa bem simples, tá? Não

não é nada mirabolante não, são coisas do cotidiano mesmo. Mas também se não souber não não tem problema, tá? É só mais um processo pra investigar mesmo. Posso começar? **Entrevistado:** Tranquilo.

**Entrevistadora:** O objeto com que se corta o tecido.

**Entrevistado:** [tʃɪ]soura.

**Entrevistadora:** Aquilo que se recosta a cabeça pra dormir na cama.

**Entrevistado:** Travesseiro.

**Entrevistadora:** Aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos na pia.

**Entrevistado:** A to[ɾ(n)]neira.

**Entrevistadora:** Para limpar o chão, o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Varre[ɾ(v)]

**Entrevistadora:** Perfeito. Sim. E uma refeição que se faz em geral às doze horas.

**Entrevistado:** Almoço.

**Entrevistadora:** A carne se come de garfo e faca. E a sopa se toma de...

**Entrevistado:** De colhe[ɾ(n)]

**Entrevistadora:** Um aparelho que é usado pra fazer vitaminas, suco.

**Entrevistado:** Liqui[dʒɪ]ficado[ɾ(n)]

**Entrevistadora:** Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolinhas, como que se diz que ela está.

**Entrevistado:** Fe[ɾ(n)]ve[n∅dʊ].

**Entrevistadora:** O que que tem na água do mar que a gente também usa pra temperar a carne?

**Entrevistado:** O sal.

**Entrevistadora:** Aquilo vermelho que vende na feira e se usa para preparar molho de

macarrão.

**Entrevistado:** O toma[tʃɪ]

**Entrevistadora:** O que que dá sombra nas ruas, no campo, que tem um tronco, é verde.

**Entrevistado:** Á[ɾ(n)]vore.

**Entrevistadora:** O que que a abelha fabrica?

**Entrevistado:** O mel.

**Entrevistadora:** Um bichinho que voa e tem as asas bonitas, coloridas.

**Entrevistado:** Bo[ɾ(n)]boleta.

**Entrevistadora:** Um animal grande que tem uma tromba enorme.

**Entrevistado:** Um elefan[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Quando tudo fica escuro e as pessoas vão dormir essa é a?

**Entrevistado:** A noi[tʃɪ]

**Entrevistadora:** E o contrário de noite?

**Entrevistado:** O [dʒɪ]a.

**Entrevistadora:** E o que brilha no céu de dia.

**Entrevistado:** O sol.

**Entrevistadora:** No inverno faz frio. E no verão?

**Entrevistado:** Calo[ɾ(n)]

**Entrevistadora:** Qual é o contrário de cedo?

**Entrevistado:** Ta[ɾ(n)][dʒɪ]

**Entrevistadora:** E o que que vem depois do número treze.

**Entrevistado:** O quato[ɾ(n)]ze.

**Entrevistadora:** Para ganhar dinheiro o que que você precisa fazer?

**Entrevistado:** Trabalha[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Perfeito. Onde as crianças vão pra aprender a ler.

**Entrevistado:** Na escola.

**Entrevistadora:** Fazer assim em um papel. É o quê?

**Entrevistado:** É rasga[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Isso. E qual é a cor do céu?

**Entrevistado:** Azul.

**Entrevistadora:** Qual o nome do nosso país?

**Entrevistado:** Brasil.

**Entrevistadora:** Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

**Entrevistado:** Pe[ɾ(n)]nambucano?

**Entrevistadora:** É isso mesmo. Quando alguém é acusado de alguma coisa mas ele não praticou aquela ação se diz que ele é o quê.

**Entrevistado:** Inocen[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Qual o contrário de errado?

**Entrevistado:** Ce[ɾ(n)]to.

**Entrevistadora:** Uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade. Você diz que é uma?

**Entrevistado:** Uma men[tʃɪ]ra.

**Entrevistadora:** O que que a gente tem na boca que usa pra morder as coisas?

**Entrevistado:** Den[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Quando a pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão sem sentidos. O que que se diz que ela teve?

**Entrevistado:** Um [dʒɪ]smaio.

**Entrevistadora:** Eva foi a primeira...

**Entrevistado:** Mulhe[ɾ(n)]

**Entrevistadora:** O que que o irmão do seu pai é seu?

**Entrevistado:** [tʃɪ]o.

**Entrevistadora:** O que se diz de uma pessoa que mede um metro e noventa, dois metros?

**Entrevistado:** Alta.

**Entrevistadora:** O que que se usa no dedo?

**Entrevistado:** Anel.

**Entrevistadora:** E o que que se coloca no corpo pra ficar cheiroso?

**Entrevistado:** Pe[ɾ(n)]fume.

**Entrevistadora:** Quando a pessoa faz aniversário, o que que se costuma dar pra ela que vem embrulhado?

**Entrevistado:** Um presen[tʃɪ]

**Entrevistadora:** Dá um abraço é abraçar e fazer assim.

**Entrevistado:** Beija[∅r(v)]

**Entrevistadora:** A pessoa que não está acordada ela está...

**Entrevistado:** Dormi[n∅dʊ].

**Entrevistadora:** Quando você está na rua e você quer pedir uma informação pra pessoa, o

que que você tem que fazer?

**Entrevistado:** Pergunta[∅r(v)]

**Entrevistadora:** Qual que é o contrário de entrar.

**Entrevistado:** Sai[ɾ(v)]

**Entrevistadora:** Este é o meu lado direito. E esse?

**Entrevistado:** O esque[ɾ(n)]do.

**Entrevistadora:** Perfeito, é isso, bem tranquilo, né? Aí agora eu vou só fazer mais umas perguntas pra você e aí a gente já encerra está bom? Já vou te liberar. Você falou, né, que você sempre morou em Londrina, mas você já viajou pra bastante lugares, né? Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era de fora?

**Entrevistado:** A maioria sim.

**Entrevistadora:** Como que elas percebiam?

**Entrevistado:** São Paulo nem tanto, mas muito pelo sotaque, né? Ou na praia pela co[ɾ(n)]. Po[ɾ(n)]que eu sou muito branca.

**Entrevistadora:** E você consegue identificar que uma pessoa é londrinense como você?

**Entrevistado:** Eu sou bem [dʒɪ]sligada, então mesmo te[ndʊ] sotaque eu demoro muito pra pe[ɾ(v)]cebe[ɾ(v)] que a pessoa, às vezes, ela nem é daqui, sabe? Então mesmo Londrina eu tenho… Londrina eu tenho mais [dʒɪ]ficulda[dʒɪ]. Geralmen[tʃɪ] não pe[ɾ(v)]cebo. Mas eu acho que é po[ɾ(n)] que eu também não reparo, sabe?

**Entrevistadora:** Entendi. Então, quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você não percebe que ela é de fora pelo sotaque.

**Entrevistado:** É, depen[dʒɪ] [dʒɪ]muito. Assim, a pessoa tem que te[ɾ(v)] o sotaque bem, bem claro pra mim e eu vou te[ɾ(v)] que conve[ɾ(v)]sa[ɾ(v)] muito com ela pra começa[ɾ(n)] a pe[ɾ(v)]cebe[ɾ(v)] po[ɾ(n)]que, às vezes, eu demoro bastan[tʃɪ] pra repara[ɾ(v)].

**Entrevistadora:** Entendi. E quando você conversa com alguém, você presta atenção no jeito que a pessoa fala?

**Entrevistado:** Depen[dʒɪ] do dia. Às vezes. Não é sempre não. E também da ocasião. Tem momentos que eu reparo, assim, que eu acho que preciso.

**Entrevistadora:** Qual que é a ocasião assim que você repara mais?

**Entrevistado:** Ah, assim, quando eu acho que a fala acaba se[ndʊ] um do[s] principai[s] ponto[s] da da[s]… da situação. Então, po[ɾ(n)] exemplo, apresentações, no[s] cu[ɾ(n)]so[s] ou quando a gen[tʃɪ] está numa conve[ɾ(n)]sa um pouquinho mais séria, assim, eu reparo bastan[tʃɪ] no jeito que a pessoa fala. Mas se está assim, a gen[tʃɪ] foi sai[ɾ(v)] numa lanchone[tʃɪ], foi no ba[ɾ(n)], está conve[ɾ(v)]sa[n∅dʊ], muito difícil repara[ɾ(v)]. Só se [tʃɪ]ve[ɾ(v)] uma coisa [dʒɪ]feren[tʃɪ] ali. Senão não ligo.

**Entrevistadora:** Entendi. E qual o sotaque do Brasil você mais gosta ou você talvez tenha uma preferência, acha mais bonito, tem algum?

**Entrevistado:** Ah, eu gosto muito do… do… do no[ɾ(n)][tʃɪ].

**Entrevistadora:** Como que é esse sotaque?

**Entrevistado:** É que eu acho que, pra mim, é, não sei, eu também posso esta[ɾ(v)] errado, faz muito tempo que eu fui pra lá. Mas, pra mim, é tipo um, um carioca mais leve. Sabe? Pra mim é mais ou menos assim, então eu acho bonito, assim, po[ɾ(n)]que não fica aquela coisa, assim, que fica, tipo, ai, que o S fica muito chiado, sabe? O /R/ muito na ga[ɾ(n)]ganta, fica um… fica gostoso [dʒɪ] ouvi[ɾ(v)], eu gosto.

**Entrevistadora:** Entendi. E tem algum que te irrita ou às vezes nem te irrita mas talvez você não goste tanto? Tem alguma coisa assim?

**Entrevistado:** Aquele muito do sul, assim, [tʃɪ]po, bem puxado, sabe, aquele[s] que exagera bastan[tʃɪ] no /D/ e /T/… que fala tudo, não sei, parece, pra mim, eu sinto como se [tʃɪ]vesse fala[n∅dʊ] tudo um quadrado, fico meio… mas tem que se[ɾ(v)] muito também.

**Entrevistadora:** Entendi. E como é que as pessoas aqui de Londrina falam, você consegue identificar assim?

**Entrevistado:** o que eu mais sinto é o do *porta*, né? O /R/ puxado, mas de resto, assim, o po[ɾ(n)]ta, né, e falar tudo *inho*, tipo, *dentinho*, essas coisas assim, mas, [dʒɪ] resto acho que não.

**Entrevistadora:** Entendi. E você já passou por alguma situação constrangedora relacionada ao seu modo de falar? Seja na faculdade, na universidade, seja em outros lugares?

**Entrevistado:** Constrangedora acho que não.

**Entrevistadora:** Nunca teve nenhuma situação assim.

**Entrevistado:** É.

**Entrevistadora:** E em alguma situação, assim, em viagem, a passeio, a trabalho ou na universidade, também. Você já modificou sua forma de falar pra adaptar ela ao modo de falar das pessoas do lugar onde você estava?

**Entrevistado:** Ah, só quando eu precisei fala[ɾ(v)] outra língua, assim, que eu me fo[ɾ(v)]cei a pe[ɾ(v)]de[ɾ(v)] um pouco do sotaque, né? Principalmen[tʃɪ] po[ɾ(n)]que o italiano ele é muito ce[ɾ(n)][tʃɪ]nho e se você fala[ɾ(v)] o /D/ com *di* é outra coisa. Aí eu acabei muda[n∅dʊ], assim, quando eu estudava muito italiano eu até no po[ɾ(n)]tuguês pegava um pouco isso, sabe? De não fala[ɾ(v)] tanto esse som, sabe? Mas, assim, em relação ao Brasil, não, não, nunca mudei.

**Entrevistadora:** Entendi.

**Entrevistado:** Mudava sem quere[ɾ(v)]. Sem quere[ɾ(v)], sabe, assim, de ouvi[ɾ(v)] e, de repen[tʃɪ], eu me via pega[n∅dʊ] um pouquinho do sotaque dele[s].

**Entrevistadora:** De quem?

**Entrevistado:** Mas sem quere[ɾ(v)] mesmo. Do sotaque do pessoal que eu estava, assim. Não que eu fui fo[ɾ(v)]çado, que eu me sen[tʃɪ] na obrigação.

**Entrevistadora:** Entendi, era algo mais natural mesmo que acontecia.

**Entrevistado:** É.

**Entrevistadora:** Entendi. E você sente orgulho ou vergonha devido a sua forma de falar, o seu sotaque, ou isso pra você é irrelevante?

**Entrevistado:** É irrelevan[tʃɪ], só quando eu vou, assim, [tʃɪ]po num, fala[ɾ(v)] num palco né? Umas coisas assim po[ɾ(n)]que como a gen[tʃɪ] músico aqui, a gen[tʃɪ] se apresenta bastan[tʃɪ]. Aí às vezes eu fico com ve[ɾ(n)]gonha. Aí depois falam, não, mas você falou bem, e eu fico, ah, não sei. Mas no geral, assim, não.

**Entrevistadora:** Entendi. É a última coisa que eu vou te pedir agora e aí eu vou te liberar, eu vou te pedir pra ler um texto em voz alta, acabei de te mandar ele no, no Whats e aí é só ler ele em voz alta mesmo. Não está indo, mas ela vai chegar em algum momento. Ai gente. Foi.

**Entrevistado:** Parábola dos se[tʃɪ] vime[s]. Era uma vez um pai que [tʃɪ]nha se[tʃɪ] filho[s]. Quando estava para morre[ɾ(v)] chamou-os a todos e depois [dʒɪ] te[ɾ(v)] olhado inquieto e tris[tʃɪ]men[tʃɪ] para o céu [dʒɪ]sse-lhes. Já não ten[dʒɪ]s mãe e eu sei que não posso dura[ɾ(v)] muito. Mas an[tʃɪ]s [dʒɪ] morre[ɾ(v)] desejo que cada um [dʒɪ] vós me vá busca[ɾ(v)] no campo do moinho um vime seco. Eu também? Pe[ɾ(v)]guntou o mais novo. O garoto esbelto de quatro anos que estava inocen[tʃɪ]men[tʃɪ] brinca[ndo] ao sol com duas moeda[s] num velho chapéu de feltro. Tu também, [tʃɪ]ago. Quando os filhos voltaram com os vime[s], o pai pe[dʒɪ]u ao meno[ɾ(n)] dele[s]. Quebra esse vime. Ao ouvi[ɾ(v)] isto, o pequeno pa[ɾ(v)][tʃɪ]u o vime sem nada lhe custa[ɾ(v)]. Agora pa[ɾ(v)][tʃɪ] o[s] outro[s], um a um. O menino obedeceu. Trazei-me todo[s] outro vime! To[ɾ(v)]nou o pai logo que viu o menino pa[ɾ(v)][tʃɪ][ɾ(v)] o úl[tʃɪ]mo sem [dʒɪ]ficulda[dʒɪ] alguma. Quando o[s] rapaze[s] apareceram [dʒɪ] novo, enfeixou os se[tʃɪ] vime[s] solto[s], ata[ndo]-o[s] com o fio. Toma es[tʃɪ] feixe, Paulo, pa[ɾ(v)][tʃɪ]-o. O[ɾ(v)]denou o pai ao filho mais velho, o homem mais valen[tʃɪ] da cida[dʒɪ]. Ve[ndo] que já lhe doíam a[s] mão[s] [dʒɪ] tanto se esfo[ɾ(v)]ça[ɾ(v)] po[ɾ(n)] pa[ɾ(v)][tʃɪ][ɾ(v)] o feixe acrescentou: não fos[tʃɪ] capaz, o osso é duro [dʒɪ] roe[ɾ(v)]. Não, senho[ɾ(n)], não fui, e já me doem a[s] mão[s], respondeu o moço. Todo[s] o[s] outro[s] tentaram em vão. Se fossem mil vime[s] em vez de se[tʃɪ], pio[ɾ(n)] seria, exclamou o pai. Que[ɾ(n)] sejam vime[s] ou coraçõe[s], lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se es[tʃɪ]ve[ɾ(v)][dʒɪ]s sempre unido[s] ninguém vos fará mal. Ao acaba[ɾ(v)] [dʒɪ] [dʒɪ]zer isto morreu. Fiéi[s] ao bom conselho pate[ɾ(n)]no até o fim da vida foram sempre felize[s] e fo[ɾ(n)][tʃɪ][s] como leõe[s] o[s] se[tʃɪ] i[ɾ(n)]mão[s] desta história.